

feminista, a mais teimosa das mortas". Carmen luta o tempo todo pelo direito de ser livre. Apaixonada, não se acanha em tomar a iniciativa do jogo amoroso, nem em seduzir despudoradamente aquele que deseja. Corajosa, insinuante e atrevida, é impossível manter-se alheio aos encantos dessa personagem que, em nenhum momento, se rende a ameaças ou temores. Nem a morte a medronta. Enfrenta a vida com a altivez das mulheres determinadas. Como diz a famosa *habanera* do

primeiro ato, não só o amor mas também Carmen *est un oiseau rebelle*.

Síntese da imagem da mulher emancipada, dona de sua vontade e de seu destino, Carmen simboliza a longa trajetória que se tem percorrido em busca de conquistas que possam, finalmente, transformar essa herança cultural que invariavelmente concede às mulheres o papel das derrotadas. No palco da ópera. No palco da vida.

CIRLEI MOREIRA DE HOLLANDA ■

Florence Nightingale ambientalista

Teorias de Enfermagem - os fundamentos para a prática profissional

GEORGE, Julia B. et al., (tradução de Regina Machado Garces).

Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1993.

O livro organizado por Julia B. George, catedrática do Departamento de Enfermagem da Universidade do Estado da Califórnia, saiu publicado nos Estados Unidos em 1980. Só agora foi traduzido para o português, mas as teorias nele divulgadas vêm servindo de base para o ensino da enfermagem em muitas escolas de nível médio e superior do Brasil. Essas teorias compreendem os conjuntos de princípios fundamentais da Arte da enfermagem, uma ciência humana, de pessoas e de experiências com campo de conhecimento, fundamentações e práticas do cuidar dos seres humanos que abrangem do estado de saúde aos estados de doença, mediada por transações pessoais, profissionais, científicas, estéticas, éticas e políticas.

Ao reunir num só livro as várias teorias ou modelos de enfermagem, Julia B. George mostra o uso que ainda hoje se faz de ensinamentos sistematizados no século passado pela inglesa Florence Nightingale, idealizadora da primeira escola profissional de enfermagem. Cada teoria é analisada por professoras de enfermagem de universidades americanas que, sob oito prismas, avaliam os pontos positivos e negativos de cada uma delas.

Para Julia B. George, as enfermeiras devem encarar uma teoria de enfermagem como uma forma de relacionar conceitos através do uso de definições que sejam úteis ao desenvolvimento da prática profissional. Para isso, a autora catalogou fatos do dia-a-dia do exercício profissional que serviram de base a esses conceitos. Assim, todas as teorias descritas no livro partem de fatos concretos. Até a década de 70, mesmo nos Estados Unidos, a maior parte dos livros de enfermagem se limitava a descrever a prática profissional, sem um respaldo teórico. No entanto, toda a teoria já tinha sido organizada por várias enfermeiras como, por exemplo, a ousada Dorothea E. Orem, bastante divulgada no Brasil.

Julia B. George esclarece que, em enfermagem, a prática é o objetivo básico da disciplina. A profissão tem a responsabilidade de prestar auxílio a pessoas, grupos, famílias e comunidades a fim de que eles conservem, obtenham e mantenham em estado de saúde. Daí, também, a necessidade de a enfermagem possuir uma base de conhecimento teórico fundamentada nas descobertas de pesquisas realizadas nos campos práticos - hospitais, residências, escolas e fábricas, entre outros.

A organizadora de *Teorias de Enfermagem - os fundamentos para a prática profissional* identificou três diferentes formas de ação na enfermagem. Em primeiro lugar, o(a) enfermeiro(a) deve assumir responsabilidade pelo outro até que este esteja pronto para se responsabilizar por si mesmo. Em seguida, deve modificar ou manipular o ambiente de modo a favorecer a obtenção da saúde. Cabe também ao(a) profissional de enfermagem auxiliar a

pessoa na direção de algumas metas, para manter o equilíbrio com saúde.

Julia B. George e suas 20 colaboradoras compilaram e analisaram 18 teorias de enfermagem difundidas nos Estados Unidos e comentaram outras quatro teorias menos conhecidas. As análises foram sistematizadas a partir de uma avaliação dos conceitos que compõem cada teoria e da descrição de suas características, possibilidades de aplicação e limitações. Cada capítulo termina com um resumo da teoria e comentários e destaques sobre os pontos fortes e as limitações de sua aplicação feitos pela analista. No penúltimo capítulo do livro, a autora e sua assistente Marjorie Stanton fazem uma revisão comparativa dessas 18 teorias e montam a tabela "Visão geral das teorias e modelos e o processo de enfermagem", analisando seus vários aspectos: verificação do foco da teoria, diagnóstico de enfermagem, planejamento, implementação do processo e avaliação de sua eficácia. Tudo bem esquematizado e de fácil leitura como, de resto, todo o livro que é recheado de gráficos e figuras e traz uma bibliografia ao fim de cada capítulo. Para reforçar o caráter didático do livro, há um glossário que define os termos usados pelas teóricas e apresenta a leigos e profissionais as principais expressões da enfermagem.

A primeira teoria analisada no livro é a de Florence Nightingale (1820-1910), uma aristocrata inglesa autodidata que aos 24 anos começou a trabalhar em hospitais e a registrar observações que mais tarde serviriam de embrião para sua obra *Notas sobre enfermagem (Notes on Nursing)*, publicada em 1860. Na opinião de Gertrudes Torres, responsável por esse capítulo, Florence Nightingale formulou uma avançada teoria ambientalista. Para a inglesa, um ambiente que oferecesse cinco pontos essenciais - ar puro, água pura, rede de esgotos eficiente, limpeza e iluminação - garantiria ao doente melhores condições de recuperação. Florence salientou que as enfermeiras deveriam aliviar e evitar sofrimento e dor desnecessários. Tais noções aparentemente simples iriam servir de base para todas as outras teóricas da enfermagem que a sucederam.

Julia B. George e suas colaboradoras descrevem minuciosamente as demais teorias desenvolvidas a partir do pensamento nightingaliano elaboradas por Hildegard E. Peplau, Virginia Henderson, Lydia E. Hall, Dorothea E. Orem, Dorothy E. Johnson, Faye Glenn Abdellah, Ida Jean Orlando, Ernestine Wiedenbach, Myra Estrin Levine, Imogene M.

King, Martha E. Rogers (a mais conhecida no Brasil), Sister Callista Roy, Betty Neuman, Josephine E. Paterson e Loretta T. Zderad, Jean Watson, Rosemarie Rizzo Parse e Madeleine Leininger. Elas ampliaram os conceitos, sofisticaram as elaborações originais e esquematizaram os métodos de ação da enfermagem atual aplicados em quase todo o mundo. A própria Julia B. George encarregou-se do capítulo que comenta as outras teorias existentes produzidas por Evelyn Adam, Betty Jo Hadley, Joyce Fitzpatrick e Margaret Newman, ainda não totalmente desenvolvidas ou aceitas.

A importância do trabalho de Julia B. George é tornar acessível aos leitores de língua portuguesa as teorias de enfermagem sistematizadas na década de 70 e divulgadas a partir dos anos 80 nos Estados Unidos. No Brasil, algumas teóricas norte-americanas como Beverly Witter Du Gaas (autora de *Enfermagem Prática*, publicado em 1988), Leslie D. Atkinson e Mary Hellen Murray (aquí publicadas em 1989) são adotadas no meio acadêmico e tiveram suas formulações publicadas na íntegra. É importante notar como as americanas não dedicam um capítulo ao estudo da arte e da estética da prática de cuidar dos doentes, um item com que Florence Nightingale, a primeira teórica da enfermagem, já se preocupava.

O acesso a essas teorias, descritas ainda que de forma resumida no livro de Julia B. George, vai permitir a estudantes e pesquisadores o confronto de teorias e a formulação de novas concepções, talvez até mais abrangentes.

O trabalho de Julia B. George e colaboradoras abre um leque de conceitos que estão sendo dinamizados nos Estados Unidos, país que mais influencia o pensamento acadêmico brasileiro na área e onde a enfermagem universitária tem a sua maior expressão. *Teorias de enfermagem - os fundamentos para a prática profissional* me foi muito útil na organização do livro *O que é a Enfermagem*, publicado este ano pela Editora Brasiliense e no qual enfatizo as dimensões subjetivas desse ofício. O livro não destaca, no entanto, dentro da teoria de Florence Nightingale, a necessidade da formação de enfermeiras a partir de um paradigma que previa o cumprimento estrito das leis da saúde e entedia a enfermagem como o caminho verdadeiro para infundir na raça humana a arte de preservar a própria saúde. Para Florence, as enfermeiras deveriam desenvolver um conjunto de conhecimentos sobre a prevenção das doenças que englobasse toda a argumentação a

favor da arte da enfermagem, valorizando o efeito do corpo sobre a mente. Em sua orientação, no processo de recuperação de um corpo doente, as enfermeiras deveriam levar em conta o esplendor das cores, a beleza da forma dos objetos e a música, em combinação com o ar puro e livre, a iluminação, o aquecimento, a limpeza, o silêncio e uma dieta adequada.

Apesar da assistência de três profissionais da área, responsáveis pela supervisão e revisão técnica, escapam à tradução de Regina Machado Garces muitos termos usuais na prática e no ensino da enfermagem no Brasil. Além disso, por ter saído meses antes da divulgação do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, o livro designa as pessoas doentes como pacientes, em detrimento de termos como usuários, clientes, aliados e até mesmo cidadãos, adotados pelo Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e reconhecidos pelo meio. Para os profissionais da área, paciente é quem se submete às regras das instituições de saúde que nem sempre funcionam no sentido de melhorar e salvar vidas. Boa parte dessa energia vai para rituais burocráticos, ultrapassados e desnecessários, nos quais se esgota a paciência do doente. Daí a inadequação do termo paciente. Quantas pessoas morrem exatamente por serem

pacientes em relação a todos os profissionais de saúde?

Lamentavelmente, Gertrudes Torres não enfatiza outro ponto importante da teoria nightingaliana: o de que as enfermeiras deveriam desenvolver a capacidade de fazer observações precisas, acuradas e completas, com a percepção correta da capacidade essencial, sem a qual seriam enfermeiras inúteis, mesmo tendo outras qualidades. Florence Delmitou o território da enfermagem em relação à medicina através da seguinte concepção: quando a função de um órgão acha-se impedida, a medicina ajuda a natureza a remover a obstrução e nada mais além disso, enquanto que a enfermagem mantém a pessoa nas melhores condições possíveis para permitir que a natureza atue sobre ela (*Notas sobre a Enfermagem*, São Paulo: Cortez, 1989).

O livro organizado por Julia B. George pode ser útil aos pesquisadores que orientam teses de mestrado e doutorado na área de Enfermagem na esperança de que seja possível complementar os estudos sobre a essência de uma profissão organizada por mulheres para mulheres com as teorias feministas, que já encontram eco em vários espaços da nossa sociedade.

MARIA JOSÉ DE LIMA ■

Sexismo na educação

Allez les Filles!

BAUDELLOT, Christian, ESTABLET, Roger.

Paris: Du Seuil, 1992.

Em uma lei mineira que dispõe sobre o ensino da educação física na década de trinta, há uma frase que diz: "Meninos em marcha, Meninas à sombra". Ao que parece, mudaram os preceitos. O título da obra de tão conhecida dupla de sociólogos que abalou a área de educação na década de setenta, com o seu *Escola Capitalista na França*, dá impressão exatamente contrária da expressão mineira. Ao que parece, são as meninas que estão em marcha e devem ser estimuladas a ir em frente: "Em frente, garotas!"

Não é fácil para nós compreender o aparelho escolar francês. E o uso de expressões típicas para descrevê-lo no texto - mesmo quando facilitadas pelos autores - torna a leitura por vezes hermética para um leitor estrangeiro a isso. Se não hermética, demonstrativa, com a qual é difícil dialogar, fazer comparações. O *baccalauréat* (bac = exame que se presta ao fim de um segundo grau, que pode ser literário, científico etc e que possibilita o acesso a um curso superior) e, talvez mais ainda, *bachelier* e *bachelière*, por exemplo, são palavras que, traduzidas, perdem o sentido que têm no texto e para compreendê-las é preciso compreender para além do texto. Os nossos bacharelado e bacharel (sem feminino) querem dizer outra coisa. Mesmo a contagem das séries, na hierarquia da escolaridade, é, em relação à nossa,